MIRANTE DAS ALMAS

CAPÍTULO I – SANTA DO PAU OCO

 Perene em sua longevidade de bilhões de anos o impávido colosso mira as criaturas, umas desaparecem da face da terra enquanto outras surgem, mas nesse ciclo de nascimento-morte-evolução ele continua. As eras servem apenas para molda-lo, seja desgastando imperceptivelmente suas faces através da erosão, seja cortando-o de forma violenta através dos movimentos das placas tectônicas, mas mesmo assim ele continua acompanhando a história das criaturas sejam elas aves, repteis ou mamíferos ele silenciosamente as acolhe. Porém de todas as espécies que compartilharam seus recursos a mais intrigante e curiosa foi uma espécie de mamífero bípede semelhante aos bugios porém sem pelos. Essa criatura em especial instiga a curiosidade, pois dentre todas essa foi a única que atribuiu ao mirante qualidades sobrenaturais, primeiro apenas como palco para seus rituais depois sendo ele mesmo considerado um ente místico ou como era chamado pelos nativos da região o guardião dos espíritos, pois alegavam os pajés das tribos que em noites especiais era possível aos iniciados nas artes pagãs verem subir aos céus os espíritos de seus guerreiros na forma de luzes espectrais, o que é obvio tratava-se de superstição dos selvagens motivados pelo consumo de beberagens alucinógenas. Mais tarde com a chegada dos europeus tornou-se local de adoração sacrossanta dos brancos que tal qual a espada Excalibur, cravaram uma cruz em seu cume tornando um marco da presença cristã naquela região outrora pagã. Entretanto o fato mais relevante e que causaria mudanças nunca antes vistas foi a chegada de um tal João Manuel de Albuquerque Queirós, português de Lisboa com longos cabelos negros cobrindo os ombros, magro de estatura considerável, apesar de seus traços faciais fortes não aparentava a idade que tinha, trinta e três anos, armado com fé e coragem veio tentar a sorte acompanhando uma bandeira das muitas que saiam em busca de ouro, pedras preciosas e escravos. Tendo saído de seu torrão amado com lágrimas nos olhos prometeu voltar apenas depois de fazer fortuna, assim sendo se embrenhou nessas matas tropicais disposto a todo tipo de aventura para conseguir seu intento. Porém quis o destino que ele fosse mais do que um simples aventureiro a desafiar a sorte nessas terras inóspitas, tornando assim esse tal João Manuel o arauto de uma obra sagrada, genitor de uma linhagem nobre e patrono de um povo orgulhoso. Relatam os registros históricos que ao acompanhar uma bandeira nos rincões dessa terra ainda a conquistar, o Sr. João Manuel e seus companheiros, dentre eles um missionário jesuíta armado apenas com a palavra de cristo, clérigo de alma pura em missão santa de trazer a salvação para as criaturas perdidas, se viram de repente cercados por uma horda de bárbaros aborígenes canibais, os quais sem motivo se não apenas o da bestialidade de seus instintos pagãos, se lançaram sobre essas pobres almas com uma fúria animal armados de tacapes, lanças e flechas envenenadas e em número bem superior deflagraram um ataque contra os emissários da coroa lusitana, repito que sem justo motivo ou provocação. Apesar de lutarem bravamente viram os lideres dessa bandeira que o fim era chegado e mesmo com protestos de negativa por parte de João Manuel, foi decido que alguém deveria salvar os documentos, mapas e demais anotações de relevância para a coroa, e principalmente o bem mais precioso uma imagem de nossa senhora com as mãos postas em oração. Fosse pela sua formação superior ou fosse pela suas qualidades físicas notáveis o escolhido foi João Manuel, que além dos atributos necessários para tal tarefa tinha a seu favor o fato de ser de sangue nobre o que lhe garantia precedência sobre os demais, mesmo relutante mas ciente de sua obrigação como bom cristão, teve nosso herói que deixar seus companheiros entregues à própria sorte. Acompanhado apenas de alguns mestiços para ajudar no transporte de bens tão preciosos ele conseguiu se desvencilhar da batalha, mas um objeto ele fazia questão de levar bem junto ao corpo, abraçado a imagem de nossa senhora ele corria tendo sempre na memória a promessa que fez ao jesuíta, a de não deixar a santa mãezinha abandonada. Apesar de ser uma simples imagem esculpida em madeira de aproximadamente noventa centímetros, o valor de tal objeto não estava nele em si mas sim no que representava, representava a presença da santa igreja católica naqueles rincões ainda indomáveis. Após correrem pela mata noite e dia, foi ao cair da noite do terceiro dia de fuga que João Manuel e seus serviçais vencidos pelo cansaço se entregaram a um sono profundo, o qual não os fez perceber aonde estavam a pernoitar apenas o merecido descanso interessava. Não se sabe quanto tempo esses valentes dormiram, mas fato é que ao acordar João Manuel, ainda abraçado a imagem, percebeu estar sobre uma elevação, um mirante, que o permitia ver todo vale abaixo, visão que tocou sua alma e ainda com vividas lembranças da perda de seus companheiros decidiu que em nome deles iria tomar posse daqueles rincões levando civilização aquelas terras. A coroa portuguesa sabedora das façanhas de seu filho decidiu ceder as terras por ele pedida e ainda concedeu-lhe título de Marques do mirante da Mãe Santíssima e protetor emérito da Fé em Cristo. Essa, entretanto, é a versão que consta oficial no livro da genealogia Albuquerque Queirós e é assim que seus descendentes fazem questão de se fazer notório. Mas como no dito popular que quem conta um conto aumenta um pouco, um historiador mais criterioso e menos temerário a represálias dos poderosos ao perscrutar a história descobriria que esse tal João Manuel de Albuquerque Queirós não era assim, digamos, tão nobre de sentimentos e tão valente de coração, era sim um egresso banido pela justiça lusitana por ter adquirido várias dividas. Entre os vários credores teve a infelicidade de ser inadimplente com um magistrado de Lisboa, que não vendo condições de João Manuel saldar seus débitos o exilou para a colônia na américa portuguesa, pensou o magistrado que aqui João poderia juntar o bastante para saldar seus débitos ou morreria tentando, de qualquer forma seu exemplo serviria como alerta para seus devedores no caso de futuras tentativas de calotes. E assim realmente com lágrimas nos olhos e grilhões nos pês esse tal João Manuel se viu passageiro em um cruzeiro maldito, tendo como camarote nada mais que o porão de uma nau mercante, porão infestado de ratos com os quais João dividia o alojamento e a pouca ração que lhe davam. Ao aportarem nessa nova terra, quase em estado de inanição João foi entregue à própria sorte, inicialmente tentou sobreviver mendigando mas algum tempo depois percebeu que se continuasse fugindo de trabalhos braçais pouco ou nada conseguiria para retornar a santa terrinha, resolveu então trabalhar como estivador no porto dividindo o ingrato oficio com negros escravos e índios alcoólatras. Foi assim que João conheceu um conterrâneo, o padre jesuíta Antônio de Oliveira, jovem rapagão de cabelos negros que não devia ter mais do que vinte e poucos anos, a distância do torrão natal e a necessidade de interação com um igual fez com que o jovem religioso simpatizasse rapidamente com João Manuel, afinal deve-se admitir que o desventurado tinha uma boa conversa além de saber ler e escrever, o que era raro por aquelas terras, se não bastasse ainda compartilhava com o jesuíta um gosto assaz carnal pelo bom vinho lusitano. Vislumbrando uma possibilidade de lucro João Manuel resolveu subir a serra com o religioso chegando a vila de São Paulo, que não passava de um lugarejo formado por algumas choupanas construídas ao redor do que se convencionou chamar de colégio, que também nada mais era do que uma construção rustica que era usada para tentar catequizar os silvícolas da região. Ocorre que o padre Antônio de Oliveira tinha ordens de acompanhar uma bandeira financiada pelo clero, ele deveria chegar a uma missão instalada no interior da província cisplatina, recolher mapas, anotações cientificas e documentos em geral, além de verificar o desenvolvimento da catequização dos nativos e dar retorno a seus superiores em Portugal. Astutamente João Manuel viu nisso uma possibilidade de retorno a Lisboa e perdão de suas dívidas; pensou ele: -Acompanho esse padreco, ajudo ele nessa santa missão – observou ironicamente – e com a gratidão dele e da igreja consigo perdão, e talvez quem sabe ainda ganho algum. E assim grudado no religioso como mosca no mel João Manuel foi incumbido pelo jovem de inventariar e registrar a empreitada, sendo assim acompanhou os acertos com o bandeirante contratado, um mestiço filho de uma índia com português de nome Sebastião Quaresma ou como era conhecido Sebastião O Ariranha, um senhor de feições rudes e ar grave, alto e corpulento pendia sobre seu peito uma longa barba grisalha e sobre o olho esquerdo uma profunda cicatriz, lembrança de uma estocada de lança indígena que vazara seu olho. Feito os últimos acertos e conferido os suprimentos, armamentos e munições tomaram caminho pelo sertão, numa caravana que serpenteava pelas toscas trilhas que se condicionava chamar de caminhos, os três aventureiros seguiam a viagem, Antônio e João animados a princípio observavam tudo e tudo comentavam, já Sebastião calado e taciturno por natureza quando respondia era mais com grunhidos do que com palavras, tal empreitada para ele em nada era novidade. Porém passada a euforia inicial já nas primeiras semanas de viagem João percebeu que seu plano apresentava diversas dificuldades, é sabido que João era um homem das palavras e a vida em terras tão inóspitas, cercado de insetos, feras selvagens, doenças tropicais e selvagens fazia com que seu fardo fosse o mais pesado. Os dias se arrastavam sem fim, a morte agonizante por infecções desconhecidas de membros da bandeira era uma constante, não bastasse isso ele ainda sofria com feridas horríveis nos pés, mas o que mais afetava João era ter que testemunhar as invasões e o genocídio de tribos inteiras, nessas incursões o bandeirante Sebastião mostrava o motivo da alcunha ariranha, com selvageria e brutalidade impar ele roubava, saqueava e fazia escravos pessoas antes livres. Para João era um esforço sobre humano avançar por caminhos cheios de obstáculos e de ingrata topografia, o que o distraia era ter a chance de admirar as paisagens nunca antes vistas por olhos europeus, quedas d’agua de alturas fenomenais que formavam belos arco-íris, formas multicoloridas de plantas e aves que se misturava mimeticamente com o ambiente, animais de formas tão diferentes que mais pareciam tirados de livros sobre seres mitológicos, mas das belezas naturais a que mais enfeitiçava João era a beleza selvagem das desnudas índias, onde por vezes aproveitando da condição submissa das prisioneiras ele saciava sua lascívia , Antônio reprovava essa conduta ele considerava que um branco manter relações com uma selvagem era o mesmo que um ser humano copular com uma cabra ou équa. Fato é que após meses chegaram ao objetivo a missão de Sant’na onde ficaram por uma semana, tempo mais do que necessário para reporem provisões e para que o padre Antônio pudesse verificar com o pároco local o progresso da obra de Deus. Na despedida João observou que foi entregue ao padre Antônio uma imagem de Nossa Senhora esculpida em madeira por um dos recém catequizados cristãos, João pôde observar que no ato da entrega ao se despedirem os religiosos conversaram ao pé do ouvido, parecia que o padre local dava instruções ao Padre Antônio sobre os cuidados a serem tomados com a imagem. No retorno João começou a ponderar sobre os fatos, afinal ele era astuto e malicioso e por isso perceptivo aos sinais que outros não notavam, pensou ele: - Afinal, qual a importância da imagem? Empreender jornada tão dispendiosa apenas por alguns papeis e mapas? Ele percebeu também que não teria oportunidade de retorno pois o padre Antônio tinha ordens para permanecer na colônia, quanto a lucros nem um vintém teria pois ficou acertado com Ariranha que tudo que fosse conseguido na empreitada ficaria para o bandeirante, a promessa de uma vida simples auxiliando os religiosos na vila de São Paulo em nada o agradava, ele nada tinha de filantropo e não se via ensinando fedelhos fossem portugueses ou fossem muito menos os selvagens. Nos momentos em que tinham de relaxamento, os dois “amigos” se entregavam a dissertações filosóficas regadas a vinho e aguardente, foi em uma dessas conversas que o padre Antônio apesar de mostrar-se um cristão fervoroso, deixou claro que não tinha vocação verdadeira para a batina e nem para o celibato, seu ingresso na companhia de Jesus foi por imposição da família que queria mostrar para sociedade que eram fervorosos cristãos - devo observar que a família de Antônio era a dos chamados judeus convertidos, judeus que haviam abraçado a fé católica temendo a inquisição, renegando o nome hebraico e adotando nomes na maioria tirados da natureza, como carvalho, oliveira e outros, para reforçarem mais ainda seus votos os filhos dessas famílias eram prometidos a Santa Igreja Católica. Tirando vantagem dessas fraquezas carnais, João conseguiu descobrir que havia muito mais do que o podia se ver nessa viagem, soube que a verdadeira missão do clérigo era buscar uma fortuna em pedras preciosas e encaminhar ao vaticano sem o conhecimento das coroas espanhola ou portuguesa, isso devia ser feito para fugir de tributações indesejadas e evitar explicações sobre em qual sitio geológico foram conseguidas tais preciosidades. Cabia agora descobrir onde estavam escondidas e o mais importante como tomar posse de tamanha fortuna, apesar de vasculhar caixas, baús e até pertences pessoais nada ele encontrava, ele sabia contudo que Sebastião Ariranha não tinha conhecimento da fortuna pois se soubesse a vida dele e de Antônio nada valeriam. Mas como a sorte favorece os homens preparados um incidente favoreceu nosso herói, pois como é sabido em meio as fatalidades nunca são os valentes que tiram vantagens mas sim os espertos e covardes. Em um ataque noturno índios motivados pela auto preservação se lançaram contra a bandeira, esses guerreiros viram os estragos causados por esses invasores às aldeias vizinhas e temendo que fossem os próximos, partindo de um princípio antigo que a melhor defesa é o ataque, chacinaram a bandeira. Em meio ao tumulto dos disparos de arcabuzes e mosquetes, gritos de guerra dos nativos, flechas e lanças zunindo pelos ares e o fogo que consumia o acampamento, João que em outra situação normalmente se acovardaria, tendo a ganância como sua motivação conseguiu manter a calma e em meio a tudo raciocinou: -Ajudo o padreco a escapar e é obvio que ele irá salvar o que for mais importante para ele, no caso a fortuna em pedras preciosas, escapamos e depois vejo como me apropriar delas. Correndo até o que ainda sobrava do abrigo de Antônio, João viu o religioso encolhido perto a uma rocha abraçado a imagem de Nossa Senhora rezando freneticamente, estava em estado de choque e por isso teve que ser chacoalhado e esbofeteado para voltar a si, arrastando pelo braço João puxava seu “amigo” tentando retira-lo do campo de batalha. -Vamos rápido! – dizia – Esqueça tudo e corra pela vida! Obvio que isso era uma artimanha de João que sabia que Antônio não deixaria o objetivo de sua missão, e qual não foi o espanto dele quando o Padre abraçou a imagem de madeira deixando hinários, bíblia e coisas que para um clérigo teriam maior valor salvando das chamas bagagem tão incomoda de se transportar, João sorriu ardilosamente pois isso só confirmou o que já desconfiava: -As pedras estão na imagem – falou baixo. A mão da providência age muitas vezes de forma estranha, pois por mais improvável que fosse os dois aventureiros conseguiram se desvencilhar da batalha, João com um facão em uma mão e um sabre na outra dava cobertura para Antônio e com uma fúria nada natural para ele conseguiu abrir caminho hora estocando um, hora golpeando outro e por vezes chutando seus oponentes. Isso fez com que alguns carregadores, também na ânsia de escapar, vissem nele uma espécie de valente liderança, esses carregadores na maioria mestiços, se colocaram lado a lado com seu novo comandante auxiliando no combate e na fuga daquele inferno. Pudessem ou quisessem olhar para trás eles veriam o bandeirante Sebastião com uma machadinha na mão direita e um sabre na esquerda, desferindo golpes de machadinha com uma fúria que decepava membros como se fossem gravetos e atravessando corpos com o sabre como esses fossem sacas de farinha, O Ariranha apesar de idoso mostrava uma força e fúria quase sobre humanas, o olho vazado durante uma batalha, a fumaça e labaredas reportavam sua imagem à semelhança do mítico deus dos vikings Odin brandindo seu machado contra demônios. Mas mesmo os titãs morrem e após a última investida da horda de bárbaros, os índios cravam impiedosamente suas lanças no corpanzil de Sebastião, que tomba, ficando impossível vê-lo debaixo da massa humana de selvagens que tal qual um enxame de vespas cobrem o bandeirante, como cães famintos sobre a carcaça de um animal qualquer seus membros são arrancados e jogados longe, quando de repente um dos guerreiros soltando um grito de guerra ostenta seu troféu, segurando pelos cabelos a cabeça decepada de Sebastião ele a lança para os céus em sinal de triunfo. Talvez esse ataque a Sebastião em particular tenha colaborado na fuga de João Manuel, do Padre Antônio e de cinco carregadores, pois parecia que os índios não se preocupavam com os fugitivos haja vista a atenção deles estar voltada para o esquartejamento do bandeirante. Desesperadamente eles correm pela selva sem perceber que seus outros acompanhantes já os haviam deixado a horas tomando outros caminhos, enquanto fugiam João não parava de matutar em como tirar a imagem do Jesuíta, mas como foi dito antes o homem preparado aproveita as oportunidades e João estava preparado para aproveitar qualquer chance, chance que a providência tratou de garantir. Ao passarem por uma íngreme encosta de um desfiladeiro, o Padre Antônio que se deslocava desajeitadamente com seu equilíbrio prejudicado por ter nos braços a pesada imagem, escorregou deslizando pelo barranco dando apenas tempo para ele se agarrar a raiz de uma árvore, com uma mão segurando precariamente a raiz e a outra trazendo firmemente a imagem de madeira junto ao corpo ele estava entre a cruz e a espada. João não perdeu tempo em aproveitar a situação: -Salve sua vida Antônio, me dê a imagem só assim poderei puxar você! - dizia João – Confie em mim e só assim poderá sobreviver. Apesar de a princípio hesitar ele resolveu confiar no amigo, afinal após tanto tempo juntos ele sempre se mostrou confiável. Mas assim que João tomou posse da imagem suas intenções ficaram claras para Antônio que com a mão agora livre esticada para João, percebeu que ele não tinha intenção nenhuma de resgata-lo, e olhando friamente para o jovem sem dizer nada, nem adeus ou boa sorte João deu as costas ao jesuíta entregando-o à própria sorte. Antônio implorava, gritava pedindo socorro ao amigo, a princípio prometeu dividir a fortuna com João, gritava desesperadamente Antônio: -João me ajude pelo amor de Deus, podemos ficar ricos! João me ajude por tudo que é mais sagrado para você! – mas a única coisa sagrada para João era a riqueza – Podemos ficar ricos, eu divido com você as joias, melhor ainda se me salvar todo tesouro e seu, pelo amor de Deus! Mas mesmo assim com o olhar frio, sem demonstrar nenhuma compaixão nenhum sentimento João abandona seu “amigo”: Percebendo que suas súplicas não adiantavam e que o coração de seu outrora companheiro era frio como o mármore, passou a amaldiçoar seu algoz, João já ouvia longe a voz de Antônio ele havia se afastado do abandonado padre. -Amaldiçoo você e toda sua raça de traidores – gritava Antônio – pode ficar com as pedras mas elas serão as portadoras da ira de Deus! João! João! Tenha certeza que essas pedras só te trarão infelicidade e dor! Se João algumas vez teve algum temor pelo sobrenatural, pelo divino, todas essas desventuras fizeram com que ele perdesse e sem dar ouvidos aos agouros do jesuíta ele continuou, horas, dias até em fuga e apenas quando teve exaurida todas as suas forças e efetivamente tinha certeza de ter despistado algum perseguidor, ele ao chegar a uma clareira se joga no chão, praticamente já havia adormecido antes de tocar o solo. Não se sabe quanto tempo ele dormiu, se horas ou dias, ele havia perdido a consciência sobre a marcação do tempo, acordou com o corpo tão dolorido que teve que permanecer deitado por alguns minutos antes de cuidadosamente levantar, não havia parte do seu corpo que não doesse, sua cabeça latejava e seus sentidos não respondiam totalmente, tanto que antes que pudesse esboçar alguns passos teve que esperar que a tontura e as náuseas passassem, diga-se de passagem que só não vomitou pois não havia nada em seu estomago à dias. Cambaleante andou alguns metros quando abruptamente chega a beirada de um precipício assustado recua ofegante, apenas depois desse susto ele toma consciência de onde estava, estava em um pico, um mirante. Cerrando os olhos ele vê as terras abaixo, pode vislumbrar um rio serpenteando no relevo, mata apenas mata selvagem e algumas aves planando silenciosamente sobre o vale. Silenciosamente ele volta seu olhar para a imagem de madeira de Nossa Senhora e a passos contados vai até ela, começa a procurar um mecanismo que permitisse a abertura de uma portinhola ou coisa que o valesse. Foi quando observou a base da estátua e viu uma tampa tão bem encaixada que olhos menos atentos nada perceberiam, usando então de um punhal que trazia a cinta conseguiu desencaixar a tampa. Ao contrário do que poderia se imaginar João não viu cair a seus pés uma enxurrada de rubis, diamantes ou esmeraldas, ao invés estava o interior da imagem cheio de pequenas bolsas de couro, as quais quando abertas deixavam João cada vez com um sorriso mais largo, pois no interior delas havia esmeraldas, em cada pequena bolsa de couro esmeraldas. -Finalmente...finalmente rico – desabafava João consigo mesmo – nunca mais sofrimentos, nunca mais fome, nunca mais empréstimos. Agora sou um fidalgo! Exclamava quase em êxtase. -Mas não posso levar essa fortuna – pensava preocupado - não... não posso, tenho que ser paciente e investir com cuidado, se aparecer com esse tesouro além de colocar minha vida em risco, ainda suscitará muitas perguntas das autoridades – ponderava - tenho que ser discreto. Assim sendo João permaneceu um tempo naquela região, a princípio era para se recuperar mas o motivo principal era planejar o que faria, afinal tamanha fortuna de uma hora para outra nas mãos de um miserável, se ele aparecesse após ter saído sem eira nem beira com uma fortuna, as autoridades poderiam interpretar mal e mais uma vez acabaria atrás das grades. Outra coisa a se pensar, e talvez a mais crítica, mesmo que saldasse suas dívidas em Portugal esse tesouro já tinha destino, se voltasse para a Europa estaria à mercê do Vaticano e João sabia do poder clero, eles o perseguiriam de todas as formas possível e talvez acabasse até acusado e julgado pela inquisição, sendo finalmente queimado como servo do demônio, isso após, claro, o vaticano recuperar seu investimento. Assim ficou por três meses vivendo de frutas e caça de pequenos animais, nesse tempo com a bandeira aprendeu a conhecer quais frutas e animais são comestíveis, aprendendo inclusive onde encontrar as frutas e a fazer armadilhas simples, quanto a água potável ele localizou uma fonte em uma das faces do mirante que providencialmente estava ao lado de uma gruta, uma rachadura na rocha, ali ele escondia seu tesouro, e de uma forma que só ele pudesse localizar o local fechava a entrada com pedras. Passados três meses ele junta alguns suprimentos, pega duas bolsas de esmeraldas e as guarda dentro de uma algibeira que traz consigo seguindo até o rio, pensou ele: -Sigo margeando o rio até achar algum povoado e depois arranjo um barco seguindo até a vila de São Paulo, lá resolvo o que fazer. Depois de andar alguns dias ele localiza um povoado, na verdade um ponto de parada de uma monção que se preparava para seguir viagem, após contar suas triste história e prometer um bom pagamento por seu socorro ele segue com os viajantes e chega a civilização. Nessas idas e vindas passaram-se três anos, aqui em são Paulo evita contato com os religiosos da região pois teria muito que explicar, troca uma pedra com um comerciante local e compra provisões, uma tropa de bestas, alguns escravos e segue para o litoral. Depois disso sua história segue com agrados a autoridades locais, doações generosas a coroa, compra de título de nobreza – o de marquês do mirante da mãe santíssima e protetor emérito da Fé Cristã – com tudo isso conseguiu João que lhe doassem as terras a perder de vista ao redor do mirante. Lá fundou sua fazenda de plantio de cana de açúcar com o nome de “Fazenda Esmeraldina”. O tempo passa inexorável, João nos deixa após constituir família, garantindo uma prole para perpetuar sua genealogia - o que a princípio começou como um posto comercial nos arredores do mirante, deu lugar com a construção de uma pequena capela a freguesia do mirante de nossa senhora, tempos depois com o aumento da população passou a vila do Mirante de nossa senhora e finalmente após anos de intervenções, daqueles que já se denominavam cidadãos Mirantenses, ao status de Cidade de Nossa Senhora do Mirante. É nessa cidade sob a vigília constante do mirante, em pleno século vinte, anos trinta, que pessoas peculiares se envolverão com tramas políticas, criaturas sobrenaturais, crimes e romances.

CAPTIULO II

 A FILHA PRODIGA

 Um homem velho atravessa a rua em direção a cadeia da cidade, seu cabelos brancos e seu corpo encurvado pelo peso dos anos fazem com que apresente mais idade do que realmente tem. Seu nome? O povo da cidade apenas o conhece por Tião, apenas Tião, carrancudo e nervoso mais uma vez tem que passar pelo vexame de resgatar seu “afilhado” da prisão, mais uma vez metido em encrenca e mais uma vez recolhido. O jovem um rapaz de longos cabelos castanhos, forte, pele queimada do sol ele é conhecido por toda Nossa Senhora do Mirante, seja pela sua habilidade em domar cavalos, seja pelas arruaças causadas nas noites de bebedeiras ou seja pelo talento musical que demonstra quando com um violão na mão, é o José da Mata ou apenas Zé da Mata. Pouco se sabe dele além de que o velho Tião o encontrou e de certa forma o adotou, criado no sitio do velho, uma extensão de terra sem muito trato com mata nativa, José ou Zé foi criado quase como bicho, solto tinha como companhia animais selvagens, vivia entre molecagens na cidade e visitas a uma tribo, na verdade um pequeno grupo de índios, quase nada da tribo que outrora dominou a região.

 Zé da Mata mais uma vez dava trabalho ao seu padrinho, como chamava o velho Tião, na noite anterior a sua detenção ele se meteu em uma briga e como sempre acompanhado de seus inseparáveis amigos, Alcebíades um negro alto boa pinta, sempre bem vestido com seu inconfundível chapéu de feltro, terno de linho branco, camisa e gravata de seda ele tinha por habito falar difícil, e quando digo difícil é realmente difícil, sendo praticamente analfabeto como seu amigo de cela, tinha por mania inventar palavras para aparentar ares de intelectual, por ter morado no Rio de Janeiro com uns parentes na adolescência aprendeu uma arte africana proibida meio dança meio luta que dá a ele alguma vantagem nas brigas em que se mete, além disso ele por conta dessa estadia se considera, como dito por ele mesmo: “- Da capital...” . O outro companheiro de cela, não é ninguém menos que o encrenqueiro e valentão oficial da cidade o Zagaia, um brutamontes de cabelos negros e encaracolados com um bigode vistoso no rosto queimado do sol, filho de portugueses estava sempre pronto para um boa briga ele é bastante forte para encarar vários numa peleja mais um tanto fraco para aguentar alguns tragos, reza a lenda (por ele criada) que na infância teria enfrentado uma pintada, tanto que o couro está pendurado na sua casa, por isso o nome zagaia. Mas o que importa é que mais uma vez esse trio arranjou uma briga, melhor dizer a briga. O motivo? Ninguém lembra nem ninguém que saber, o fato é que os três amigos encontram-se deitados, literalmente desmaiados dentro da cela por terem perturbado a ordem pública e mais uma vez terem sido detidos pelo sargento Benevides e seu fiel escudeiro o cabo Ambrósio, que na noite anterior se puseram a caminho para recolhe-los, obvio depois que esses já haviam sido vencidos pela bebida e pela pancada.

 - Dia cabo Ambrósio.

 Saúda com mal humor o velho Tião a segunda maior autoridade policial da cidade, ao encontrar o esquálido Cabo passando em revista as tropas, dez praças da força policial local.

 - Dia - responde com a sua inconfundível voz esganiçada – veio buscar os baderneiros – ironiza o militar.

 Sem muito o que responder Tião se resume a entrar no posto policial, onde encontra o sargento Benevides sentado em sua poltrona, enorme mal cabe no pobre móvel, que o sustenta sabe-se lá Deus como.

 - Dia sargento, vim buscar os imprestáveis. Afirma Tião melancolicamente, pois já se cansará de tantas idas e vindas aquele local por aquele motivo.

 Mal conseguindo se levantar e indo em direção a cela girando o molho de chaves, o sargento com uma barriga que encobre totalmente a fivela de seu cinto, comenta sobre os constrangimentos e custos ao erário público causado pelos rapagões e suas brigas.

 - Como sabe – inicia o sargento – Já tivemos muitas situações Tião, em que seu afilhado é o causador de problemas, isso custa muito ao estado mobilizar tropas, dispor das instalações manter em segurança esses vândalos.

 Como sempre Tião entendia o recado e desembolsando alguns contos de réis de forma discreta passa as mãos da autoridade de plantão. Não pensem que é algum tipo de multa ou fiança, pois os cofres públicos como sempre nada verão desse dinheiro. Ao chegarem a cela Tião observa os três amigos largados, sobre o banco de concreto improvisado como cama está Alcebíades enquanto Zagaia e Zé estão deitados no chão, um sobre o outro. Como sempre o sargento vem com um balde d’agua que o velho Tião faz questão de jogar nos arruaceiros:

 - Vamos acordar bando de inúteis!

 Grita Tião e como sempre atordoados os rapazes levantam grunhindo.

 Ao saírem como sempre Alcebíades vem com suas ladainhas:

 - Sr. Sebastião mais uma vez sua generosidade vem socorrer esse seu criado, tenha certeza que o que tenha gastado reembolsarei tão logo consiga atividade que cojumine com meus talentos e.

 - Cala boca seu moleque – interrompe Tião – todo mundo sabe que seu único talento é bebedeiras, jogatinas e baderna, enquanto a você Sr. José...

 - Eu sei, eu sei – emenda Zé da Mata – conheço o terço de trás para frente, tenho que me emendar, tomar vergonha, mas padrinho os peões do coronel que começaram.

 - É isso mesmo seu Tião – conclui Zagaia – eles não sabem perder no jogo e começam a apelar para ofensas, e ninguém chama Zagaia de ladrão, ah isso não.

 - Conheço bem vocês mas o que importa é que você tem trabalho Zé, o coronel Augusto precisa amansar um cavalo para a filha que está voltando das Europa, ele quer dar de presente para ela, nunca vi isso mulher cavalga isso é muita modernidade para mim – comenta o velho ranzinza - então aproveita que ele está na cidade e vai tratar pessoalmente, mas primeiro vai tomar banho porque você fede, quanto a vocês seu nego safado e seu portuga burro vão para lida que esses réis não vão ficar de graça. Conclui Tião.

 Coronel Augusto de Albuquerque Queirós, comendador, ex-deputado e a figura mais importante de Nossa Senhora do Mirante, dono de terras a perder de vista e um barão do café, está na cidade com sua esposa para de tratar de assuntos com o prefeito e vereadores enquanto sua cara metade, a Sra. Altina de Albuquerque Queirós, se junta com o grupo de mulheres que se intitula Liga das Senhoras Mirantenses, para assim concluir os últimos preparativos da recepção de sua primogênita Ana, a pródiga filha de retorno da Europa onde ficou por cinco anos com uma preceptora para estudar. Para muitos nessa época isso era inédito e até constrangedor uma moça viajar sozinha para lugares tão distantes, porem Augusto e sua senhora acharam por bem enviar a jovem, temiam que sua convivência com animais e peões não desse a ela um preparo digno de uma dama, uma vez que Ana sempre se mostrava ativa, participando desde de jovem da vida rustica, sabendo montar como os melhores cavaleiros e conhecedora de como tratar das criações, eles temiam que isso desse mal modos a ela. Sendo enviada com já dito, com uma preceptora a madame Eloisa, uma dama em todos os sentidos ela se gabava de ter sido governanta nas melhores famílias da Europa, alta para os padrões femininos e com um ar austero, apesar da jovem já estar com seus dezoito anos quando foi viajar teve que se acostumar com a presença constante da guardiã.

 Enquanto isso na prefeitura as personalidades mais ilustres se juntam para tratar de um assunto deveras preocupante, o coronel com seus cabelos grisalhos, com seu ar severo descansa seu corte corpanzil na poltrona do prefeito enquanto suas botas sujas de lama são largadas sobre a mesa do político, que em momento nenhum se atreve a reclamar da conduta abusada do latifundiário, aliás o prefeito é um borra botas (como costuma chama-lo o coronel) que só está onde está por conta das articulações do seu padrinho político, sendo do partido da situação o prefeito Donato fez carreira política a sombra da família Albuquerque Queirós, por ser funcionário do correio local seus anos de sedentarismo deram a ele um sobre peso e bochechas rosadas que em conjunto com sua baixa estatura dão a ele uma aparência de gnomo sempre com um sorriso no rosto, o coronel desprezava a postura serviçal dele, mas como o próprio coronel dizia: “- Um covarde é útil, pois sempre é fácil de controlar.”

 Também estava na reunião o Deputado Lupicínio, homem estranho, alto e magro como um vara pau, de mãos grandes dedos alongados e ossudos, cabelos negros sempre com muita brilhantina andava meio encurvado por conta da sua altura, seus olhos esbugalhados ficavam mais notórios por estarem acima de um nariz grande, semelhante a um bico de ave de rapina, e o que mais chamava a atenção era sua pele, branca muito pálida. Lupicínio dava a impressão de estar sempre à espreita, sempre espionando, atento a tudo e a todos não confiava em ninguém, nem em si mesmo. Ao encontro não poderia faltar o pároco local, padre Candido o primeiro filho da cidade a se formar padre, rígido segue princípios quase mediáveis, apesar de não ser um homem dado a vaidade é cuidadoso consigo e no auge dos seus cinquenta e dois anos tem um porte atraente, ao seu lado o médico local Dr. Praxedes que acumula além da função mencionada a de boticário, dentista e por vezes veterinário, um idoso de cabelos totalmente brancos e despenteados ele dedica seu tempo a seus hobbies em detrimento ao zelo pessoal, metido a cientista e historiador estuda vários campos de diferentes ciências além de ser perito na história Mirantense e lendas locais, seu jargão mais conhecido é: “- O sobrenatural nada mais é do que eventos naturais ainda não estudados e explicados pela ciência.” – temos ainda nesse seleto grupo o Sargento Benevides que após cuidar dos assuntos da segurança local como vimos anteriormente, correu para a prefeitura, afinal um chamado do coronel não podia ser desconsiderado.

 - Bem, senhores... – inicia o Coronel Augusto – essa questão do gado e das criações que estão aparecendo mortas e esquartejadas o que podemos fazer a respeito? Afinal os senhores assim como eu tem interesses, o senhor prefeito – o questiona olhando bem nos olhos do borra botas fazendo esse tremer – quer se reeleger, não quer? Então mexa-se – e voltando sua atenção para o sargento faz esse também quase borrar-se – e você sargento Benevides que deveria cuidar da segurança e do patrimônio, só faz engordar a olhos visto. Afinal que bicho é esse, é onça é lobo é o que?

 Voltando os olhos firmes como uma lâmina de aço indaga o já tremulo Dr. Praxedes:

 - Quanto ao senhor que se diz cientista me diz o quê, afinal que raios de bicho é esse? Grita batendo sua pesada mão sobre o tampo da mesa de carvalho trabalhada.

 Todos entreolharam-se aliviados, afinal o último a ser questionado seria o primeiro a se explicar e no caso sobrou para o sábio da cidade, que apesar de ter estudado o problema por vários ângulos, sabia que nada que falasse iria satisfazer o coronel, engolindo seco e segurando a gagueira ele começa:

 - Bem comendador – inicia Praxedes fazendo alusão a comenda do coronel, imagina que talvez ele fique mais ameno depois de lembra-lo da comenda que o faz tão orgulhoso – depois de estudar e pesquisar, verificando os restos dos animais atacados, não há na fauna nativa animal que faça tamanho estrago em qualquer presa, sobremaneira nos de grande porte como no caso dos bovinos, equinos, caprinos e etc. – continua sua explanação – mesmo phantera-onça ou a pintada como chamamos não seria capaz de tamanho estrago, mesmo sendo o maior felino predador das américas, devo ainda lembrar que a mais de dez anos que não temos notícias desses magníficos animais.

 E respirando fundo, após olhar por sobre seus pequenos óculos equilibrados na ponta de seu longilíneo nariz a figura imóvel do Coronel que o olhava fixamente ele continua:

 - Talvez, e repito que apenas talvez, o animal mais próximo de fazer o que vimos seria o ursus marítimos, ou para os leigos o urso polar e é claro que esse não temos por nossas terras.

 - Ou seja – interrompe abruptamente o Coronel Augusto – Falou e falou para dizer que não sabe que diabos de bicho é esse que vem atacando nossos animais.

 Voltando-se para o sargento começa:

 - Quanto a você Benevides vai esperar esse seja lá o que for atacar gente, ou vai se mexer, mexer esse saco de banha que chama de corpo?

 Tentando mostrar marcialidade quase que mecanicamente se põe em posição de sentido, fingindo uma firmeza e coragem meramente teatral ele começa a relatar seu plano de ações:

 - Após investigar e mapear a ação do meliante, mobilizamos a tropa e intensificamos as rondas, reforçando a proteção a área urbana da cidade e.

 E antes que pudesse terminar o coronel bate com sua enorme mão sobre o tampo da mesa fazendo com que todos tremessem, aliás todos não pois o vigário e o deputado mantinham sua frieza peculiar e dispara:

 - Que tropa, que mobilizar, você não tem mais que uma dúzia de borra botas, isso contando com você e aquela caveira que chama de Cabo, estou vendo que depende de mim e dos meus caçar e dar fim a esse problema – e olhando com reprovação o Dr. Praxedes dispara – e saiba o senhor doutor que é onça sim, não é um rato de biblioteca que vai dizer para o Coronel Augusto de Albuquerque Queirós que bicho que mata boi é urso dos polos.

 - Se me permite – interrompe o Deputado Lupicínio, coçando seu queixo pontiagudo como uma estaca continua – Sr. Coronel, acho que devemos chamar especialistas, pessoas preparadas para resolver isso de forma limpa e segura, afinal colocar seus homens em tal empreitada tomaria mão de obra do senhor, além do que devemos lembrar que a pequena Ana está retornando e todos sabemos de seus sentimentos quanto a caça, isso meu coronel deixaria um desconforto entre vocês – e cada vez mais bajulador continua – não é justo depois de anos longe o Coronel venha ter problemas com a jovem, falaremos que os caçadores vieram por interesse próprio apenas no interesse do esporte. O que acha?

 Depois de esfregar sua barba por alguns instantes ele diz:

 - É, o deputado tem razão, a Aninha não ia gostar e ia me azucrinar a cabeça, bom deixo então para o Deputado resolver com seus profissionais, enquanto isso – voltando novamente sua atenção para o sargento e para o prefeito ele ordena:

 - Quanto a vocês que garantam a segurança da cidade, ouviram bem!?!?!?

 Instantaneamente em uma ação que se ensaiada não sairia tão simultânea os dois funcionários públicos ficam em sentido e prestam continência, como se o coronel fosse algum chefe de estado ou general de brigada. Depois o coronel dá por encerrada a reunião e deixa a sala seguido de seus dois capangas os brutamontes Cosme e Damião.

 Com passos largos e firmes o coronel Augusto atravessa a rua principal, seguido sempre de seus dois peões de confiança Cosme e Damião os gêmeos de quase dois metros, fortes como um touro e igualmente, se não menos, inteligentes que um, bate com seu chicote freneticamente na palma da mão, que se não fosse calejada pelo trabalho braçal que sempre fez parte de sua vida, pois como dizia seu pai: “- Não basta um homem formar a mente, tem que formar o caráter, e caráter só se forma na forja do trabalho.”, sua palma já estaria sangrando. Augusto nunca foi um homem paciente, fosse por ter sempre quem corresse para fazer suas vontades, fosse por ser um homem decidido que sempre lutou por seus objetivo, a espera de sua filha o agitava, afinal ele não tinha como controlar o navio que a trazia ao porto de santos nem o trem que ela tomaria par vir até a cidade mais próxima, fato é que nesses últimos dias ele estava mais mal humorado que costumeiramente.

 Ao atravessar o largo da matriz seguindo para a igreja onde as damas Mirantenses tratavam com sua esposa dos preparativos da recepção, o eminente coronel é abordado por ninguém menos que Zé da Mata, que recomposto da noitada após tomar um banho na casa de Zagaia e trocar de roupa por uma muda de roupa trazida por Tião, o impertinente jovem o cumprimenta:

 - Bom dia Coronel, levando os bichos para passear? Pergunta ironicamente fazendo menção aos dois peões.

 - Arre moleque, vê se tem respeito perdeu o medo? Responde Augusto advertindo sobre o risco de tirar seus dois empregados do sério, mas José sabia que Cosme e Damião eram tão lesados que nunca perceberiam o trocadilho.

 - Que você quer? – pergunta coronel – Não vê que estou ocupado tenho coisas a tratar, não tenho tempo para prosear com desocupados.

 - Arre coronel, lembra não? Vim tratar sobre aquele cavalo que o senhor me contratou para amansar, amanhã já tá pronto para cela.

 - Então tá bom, aninha chega logo e ela vai gostar do presente. Mas olha moleque o bicho tem que estar manso e pronto para a montaria, se algo acontecer com minha filha. Termina a frase em um tom ameaçador.

 - Bem coronel, é que é bom que nos primeiros dias de trote da moça no bicho eu fique perto, pode ser que ele estranhe. Observa o moço.

 Olhando de cima abaixo o rapaz e tocando a ponta do queixo de José com seu chicote, o coronel diz:

 - Olha moço, sei das suas bagunças, sei quem é você.

 E batendo no rosto de José da Mata com o chicote continua.

 - Se olhar diferente para Ana, eu mando esses dois aqui – apontado para seus dois capangas – ir atrás de você e “ZAP”! – finaliza Augusto batendo com o chicote nas partes baixas de José que chega a dar até um pequeno pulo para trás.

 Alcebíades ouviu de longe a conversa, afinal ele não gostava da ideia de ficar perto do coronel Augusto e muito menos de seus acompanhantes, mas mesmo distante ele pôde ouvir a prosa e coçando a nuca por baixo de seu chapéu, com uma ar confuso pergunta para José:

 - Você fico doido, perdeu as razão, você não falou que o quadrupi já estava pronto, que ideia é essa Zé?

 E colocando o braço sobre os ombros do amigo enquanto olhava o Coronel se afastar ele disse:

 - Olha Bié – era esse o apelido de Alcebíades –se essa moça for a metade do que dizem de bonita, vale a pena – e batendo nas costas de seu companheiro completa – vale a pena.

 Alcebíades olha de esgueiro José da Mata, ele sabia que nada que falasse mudaria seu pensamento e alias ele Alcebíades nunca foi de dar conselhos, pelo menos bons conselhos, ele sabia também que isso prenunciava uma boa encrenca mas afinal a cidade estava quieta demais, muito quieta.

 *Perto dos dois estava o cego cantador repentista da cidade, com seu sobretudo surrado e com seu chapéu de aba larga cobrindo o rosto, trazia sempre sua viola a tira colo, era o cego Tiré, dizem que de seus versos pode-se saber o futuro, diziam que era vidente e que apesar de cego para as coisas materiais podia ver o futuro ou até almas de outro mundo. Chegando perto dos dois tateando com sua bengala que nada mais era que um cajado tosco de madeira, começa sua ladainha:*

 *- Um repente por um conto somente, um repente por um conto somente.*

 *- Tome lá – falou Zé jogando uma moeda para o cego – tome lá um vintém e vê se vai embora.*

 *- Olhe moço seu Zé da Mata sou mendigo não, por uma moeda de vintém tem verso também, toco e rimo para viver não peço favor dos outros sem ter nada a devolver.*

 *E ajeitando a viola começa com sua música:*

 *“Esse moço arrogante sabe sempre o que fazer*

 *Mas com tempo a desventura vai fazer ele aprender.*

 *Pois o amor é uma loucura que ele ainda vai viver.*

 *Vem de longe a preferida da família poderosa.*

 *Com seu cabelo tão negro sua pele tão sedosa*

 *Com seu jeito delicado vai fazer forte tremer*

 *Saiba agora cavaleiro que as besta faz domar*

 *Tem a fera mais selvagem que não pode dominar*

 *É o coração tomado pela fome de amar.”*

 *Sem dar muita atenção as palavras do cego Zé da Mata e Alcebíades tomam rumo para o boteco de seu amigo Zagaia, um bar misto de restaurante e mercearia de secos e molhados onde os amigos ficam a bebericar, ora jogando uma sinuca ora jogando conversa, Zé e Bié aproveitam a amizade com Zagaia para pendurar o que consomem, uma conta que nunca evidentemente é paga. O bar do Zagaia, herança dos pais, fica em um lugar estratégico no largo da matriz em frente ao ponto de parada do ônibus que deixa os visitantes na cidade, local que daqui dois dias receberá com pompa a chegada de sua filha mais nobre, Ana Claudia de Albuquerque Queirós.*

 *Dentro da sacolejante e velha jardineira duas mulheres bem vestidas conversam, o assunto é sem dúvida o retorno inusitado a sua terra natal:*

 *- Ana, você não acha que vamos causar transtorno, afinal avisamos que seria daqui dois dias, chegando agora vamos sem dúvida atrapalhar qualquer programação de Madame Altina e Messie Augusto.*

 *Comenta a dama de vestido longo negro de mangas longas, loiros cabelos preso com um coque e parecendo uma viúva ainda em luto:*

 *- Você sabe como sou pontual, - continua a senhora de meia idade - gosto de me guiar por uma rígida disciplina e, aliás, não sei como deixei me convencer por você mocinha.*

 *- Eu sei Madame Eloisa – interrompe a jovem de longos cabelos negros, pele alva e olhos castanhos como de uma loba, pouco mais de um metro e cinquenta e cinco que acomodam uma beleza ímpar – mas a senhora sabe como é minha família, sem dúvida até banda e faixas terão se eles puderem e a madame sabe como não gosto desses exageros. Aprendi muito com Messie Kahn em Paris, principalmente sobre discrição.*

 *Messie Albert Kahn, banqueiro e filantropo criador de um projeto audacioso de fazer um arquivo visual fotográfico sobre as várias faces dos povos do mundo, na verdade foi através dos contatos comerciais que o coronel Augusto mantinha com Messie Albert que decidiu enviar a jovem à Paris, inclusive sendo Albert que indicou a madame Eloisa como preceptora de Ana e ainda as acolheu em sua casa quando chegaram à Europa. Imagino como comendador Augusto reagiria ao saber que Albert Kahn não era francês legitimo e ainda tinha descendência judia, bufaria como um touro bravo, pior ainda se soubesse das ideias liberais que o cavalheiro passava a jovem e as aventuras que ele propiciou a Ana pelo mundo, Augusto teria uma sincope*